



Mulheres negras que quebram as barreiras invisíveis: experiência de tecnologia social e economia solidária na comunidade quilombola Cruz da Menina

MACÁRIO, Suzany;

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Grupo Temático: Economia Solidária, Inovação e Tecnologias Sociais

Resumo

A experiência, realizada por meio de visita técnica e entrevistas informais, permitiu conhecer a atuação das mulheres negras, na comunidade quilombola Cruz da Menina, localizada em Dona Inês, agreste paraibano, em julho de 2025, vinculada ao projeto de extensão para captação de imagens e relatos das associações. A experiência permitiu conhecer a atuação das mulheres negras na geração de renda por meio de empreendimentos baseados na economia solidária, com destaque para o uso de tecnologias sociais adaptadas à realidade local. As mulheres organizam-se de forma colaborativa, repartindo lucros e valorizando-se com cuidado mútuo. Esse modelo de inovação social fortalece o protagonismo feminino e contribui para a construção de uma economia antirracista e territorializada. A experiência reforçou a importância da valorização dos saberes tradicionais e das práticas coletivas para o desenvolvimento sustentável da comunidade.

Palavras-chave: Economia solidária; Tecnologias sociais; Inovação social; Protagonismo feminino.

Contexto

Estive na comunidade quilombola Cruz da Menina, localizada em Dona Inês, agreste paraibano, com o objetivo de realizar uma visita técnica, em julho de 2025, vinculada ao projeto de extensão que registrou e documentou as associações e cooperativas da Paraíba. Essa experiência trouxe insights sobre a atuação das mulheres negras no



desenvolvimento de empreendimentos solidários em meio ao crescimento e à adaptação a novas oportunidades, respeitando as diferenças, desenvolvendo tecnologias sociais e gerando renda para a comunidade.

Estas mulheres organizam-se em um modelo de divisão colaborativa de lucros: ainda que cada uma mantenha seu próprio empreendimento, as repartições são adaptadas conforme as circunstâncias, fortalecendo os laços de solidariedade. Essa vivência demonstra, para o Grupo Temático, como a tecnologia social aplicada na comunidade quilombola Cruz da Menina envolve tanto a produção de bens quanto a oferta de serviços, promovendo geração de renda, fortalecimento da economia solidária e protagonismo das mulheres negras por meio de práticas colaborativas e inovadoras.

Descrição da Experiência

Assim como Ribeiro (2018) destaca a luta contra a invisibilidade da mulher negra, a comunidade quilombola Cruz da Menina rompe com esse ciclo ao mostrar-se protagonista de sua história e da história das pessoas que ali vivem com elas, dando uma nova perspectiva de futuro.

Em entrevista informal com as mulheres da associação, foi possível identificar uma rede de empreendimentos liderados por elas, incluindo artesanato, turismo com vivências locais, produção de doces e serviços de beleza. Embora cada integrante atue em uma área específica, criaram uma tecnologia social baseada na repartição dos lucros, garantindo visibilidade ao trabalho individual e reconhecimento de sua participação nas vendas, conforme aponta Singer (2002), empresas solidárias se diferenciam de ambientes capitalistas tradicionais por reconhecer de forma justa e democrática as ações de todos os membros do grupo. Essa perspectiva se reflete na organização da comunidade, onde cada mulher tem seu próprio empreendimento, mas a divisão de lucros e o reconhecimento das participações individuais ocorrem de forma colaborativa e equitativa, fortalecendo o protagonismo coletivo e a valorização de cada contribuição. Essa organização fortalece a autonomia, o protagonismo e a valorização cultural, ao mesmo tempo em que aplica práticas da economia solidária e adapta tecnologias sociais à realidade local.

A metodologia utilizada foi a visita técnica associada a entrevistas informais, que permitiram um contato direto com as mulheres e o entendimento de suas práticas colaborativas. O universo envolvido incluiu as integrantes da associação quilombola, o projeto de extensão e os bolsistas participantes da ação. Essa abordagem foi escolhida para garantir uma vivência imersiva e qualificada das dinâmicas locais, possibilitando um relato fiel e contextualizado da experiência.

Resultados



As mulheres quilombolas organizam-se de forma colaborativa para a produção e venda de seus produtos e serviços, constituindo um modelo de inovação social fundamentado na coletividade, no cuidado e na ancestralidade.

Um dos aspectos mais significativos observados durante a vivência foi o modelo colaborativo adotado para a divisão de lucros. Quando uma mulher realiza a venda de um produto produzido por outra, ela recebe uma porcentagem, reconhecendo não apenas a ação comercial, mas também o esforço de divulgação e o apoio mútuo entre as integrantes. Um exemplo prático foi observado no caso das peças de artesanato: embora uma das mulheres seja a responsável direta por sua produção, caso uma cliente procure outra integrante da rede para obter informações ou realizar a compra, essa participação é reconhecida e recompensada com uma porcentagem do lucro. Esse arranjo demonstra como a solidariedade e a valorização do trabalho coletivo se materializam em ações concretas do cotidiano.

Esse sistema ainda considera como “trabalho de marketing” o simples ato de encaminhar clientes interessadas a outras mulheres da rede, valorizando a comunicação oral e a rede de relações como instrumentos econômicos legítimos.

Trata-se, portanto, de uma inovação social que se apoia em práticas ancestrais de solidariedade, contribuindo para a construção de uma economia antirracista, feminista e territorializada.

Considerações Finais

A experiência na comunidade quilombola Cruz da Menina reafirmou a importância da economia solidária como estratégia de desenvolvimento inclusivo e sustentável. O protagonismo das mulheres, aliado ao uso de tecnologias sociais, mostra-se como um caminho eficaz para a transformação social, fortalecendo laços comunitários e promovendo justiça econômica. Essa vivência reforça a necessidade de continuar apoiando iniciativas que valorizem os saberes tradicionais, incentivem a inovação adaptada ao território e garantam a autonomia das populações historicamente marginalizadas. Além disso, evidencia a importância de se romper com ciclos históricos de invisibilidade e exclusão, promovendo modelos colaborativos que reconhecem e potencializam o trabalho feminino em comunidades quilombolas.

Referências

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. 1.ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. 1.ed. São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.